



ALTA MODERNIDADE E EDUCAÇÃO: A REFLEXIVIDADE À LUZ DE ANTHONY GIDDENS

HIGH MODERNITY AND EDUCATION: THE REFLEXIVITY IN THE LIGHT OF ANTHONY GIDDENS

Augusto Kessai Agostinho Chicava
Ivan Luís Schwengber
Jenerton Arlan Schütz

Resumo: O presente escrito tematiza a noção de alta modernidade desenvolvida por Giddens. Objetiva-se compreender, a partir da categoria de alta modernidade o surgimento e a importância da reflexividade, considerando-a para além do senso comum. Desse modo, trabalha-se com a hipótese de que a análise sofisticada de Giddens permite compreender cientificamente, por meio de um rol conceitual, fenômenos que o senso comum não consegue compreender, e como esse movimento impacta e interfere no âmbito formativo/educacional. Nesse sentido, busca-se, num primeiro momento, analisar a compreensão da alta modernidade e os problemas de situação e desencalxe provocados por ela; por conseguinte, tematiza-se a reflexividade presente a partir do desenvolvimento da alta modernidade e algumas inserções desta no âmbito formativo/educacional, assumindo a premissa de que a reflexividade deve se mover sempre num sentido ético do termo.

Palavras-chave: Educação. Giddens. Reflexividade.

Abstract: The present writing thematizes the notion of high modernity developed by Giddens. It aims to understand, from the category of high modernity, the emergence and importance of reflexivity, considering it beyond common sense. Thus, it is hypothesized that Giddens' sophisticated analysis allows us to understand scientifically, through a conceptual list, phenomena that common sense cannot understand, and how this movement impacts and interferes in the formative / educational scope. In this sense, we seek, at first, to analyze the understanding of high modernity and the problems of situation and disengagement caused by it; Therefore, the present reflexivity is thematized from the development of high modernity and some insertions of this in the formative / educational scope, assuming that reflexivity must always move in an ethical sense of the term.

Keywords: Education. Giddens Reflexivity.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

O objetivo do escrito é fazer uma análise da educação no contexto da globalização. Nesse sentido, movidos pela categoria de *alta modernidade* desenvolvida pelo sociólogo Anthony Giddens (2002), busca-se no núcleo de seu pensamento o surgimento da reflexividade. Para o autor, há um aumento da reflexividade na vida contemporânea das pessoas. Esta noção de reflexividade, a *prima facie* é o aumento da reflexão, da atividade de pensamento humano. E nesse sentido Giddens se coloca dentro do eixo *iluminista* e da *Aufklärung* do projeto emancipatório da modernidade.

Todavia, é preciso fazer uma constatação de que no senso comum geral da educação brasileira é comum ouvir a frase: “*os nossos alunos não pensam*”. Também é comum ouvir modelos de *terapias alternativas*, de *coachings*, de estilos de vidas que devemos *pensar menos* e *sentir mais*, *ser mais flexíveis*. Em suma, no primeiro há um princípio formativo e no segundo um sentido terapêutico, de uma negação da reflexividade humana. Em que sentido as pessoas estão pensando menos? Há uma relação entre reflexividade e pensamento? A tese de Giddens é que há um aumento da reflexividade. Ademais, poderíamos nos indagar: qual o sentido educativo desta reflexividade?

Se levarmos em consideração as opções acima apresentadas, então trata-se de transformar a educação em um modelo de pedagogia ativa que evita qualquer tipo de pensamento/reflexividade/aprofundamento. Eis a necessidade de se demonstra que, de alguma forma, a análise de Giddens parece inserir-se numa contradição com o *senso comum* que parece ser anti-reflexivo, anti-estudo, anti-aprofundamento teórico, anti-conhecimento, anti-ciência. Em suma, podemos dizer que os mais variados enunciados nos dias de hoje desqualificam todo e qualquer ofício de ser professor: “o professor deve se converter em mediador, em *coach*, em animador de aula, em gestor de aprendizagem, em facilitador, *etc*”. Tudo, menos ser professor.

Nessa direção, a hipótese deste texto é de que a análise sofisticada de Giddens permite compreender cientificamente a partir de um rol conceitual fenômenos que o senso comum não consegue compreender, e como isto impacta o espaço formativo. Para dar conta de tal empreitada, desdobraremos o tripé giddesiano com o olhar apurado da educação tomada no sentido lato, enquanto formação humana, a saber 1) como a noção espaciotemporal produz alterações na nossa perspectiva formativa e como os mecanismos de desencaixe refletem nas instituições de educação formal; 2) mostrar como há um aumento de reflexividade na constituição do sujeito formativo; 3) tematizando-se cuidadosamente o conceito de reflexividade.

Ademais, é preciso dizer que, se a análise de Giddens estiver correta, então significa que ainda estamos vivendo as transformações advindas da modernidade, que em última instância são acompanhadas pela formação dos sujeitos, o que permite maior autonomia e liberdade ao ser

humano. A nota preliminar é de que o texto está nas leituras da modernidade de tal modo como Habermas tem feito, e não em termos ruptura, mas exatamente em sua radicalização:

Trata-se de um significativo deslocamento operado dentro do horizonte da modernidade afetando profundamente o ritmo e o alcance de tais mudanças. Estas, por sua vez, originam novos e diferentes modos de configuração das instituições, da vida social e da subjetividade, o que nos permite compreender as sociedades contemporâneas como sociedades complexas (CENCI; MARCON, 2016, p. 112).

A análise será feita à luz de uma radicalização da modernidade, que transforma brutalmente a vida dos sujeitos e das instituições. O olhar nesse texto terá como foco as pessoas em seu aspecto formativo e ligando-as com instituições formativas.

A ALTA MODERNIDADE E OS PROBLEMAS DA SITUAÇÃO E O DESENCAIXE

O diagnóstico de época que partimos é de Anthony Giddens, especificamente daquilo que ele denomina de *alta modernidade* em seu livro *Modernidade e Identidade* (2002), e como o autor chega à reflexividade como conceito fundamental para vir a compreender a *Alta Modernidade*. A delimitação da alta modernidade é o aumento de controle, em que a sociedade passa a ser sinônimo de Estado-Nação. A modernidade através de suas instituições busca “o controle regular das relações sociais dentro de distâncias espaciais e temporais indeterminadas.” (GIDDENS, 2002, p. 22).

Há, nesse sentido, uma separação do espaço e do tempo: A conexão não ocorre mais “através da situacionalidade do lugar” (GIDDENS, 2002, p. 22). O mundo está em disparada, ritmo alucinado de tempo, mas também ganhou em amplitude e profundidade. Nessa direção, a metáfora do relógio da universalização do tempo também se estende para a noção espacial. Não há um lugar no mundo que não seja localizado, fotografado e simetricamente calculado. Se por um lado há um tempo universal medido em escala global, por outro lado temos conhecimento de tempos diferentes, e por vezes a sensação de “não ter tempo para nada”. Assim, a noção de espaço único, e ao mesmo tempo numa conversa virtual com uma pessoa em outro lugar, inflaciona a noção de espaço.

Esta perda da situação tem provocado uma estranha epistemologia, Santos também percebe este impacto espaciotemporal. Tanto que propõe “[...] expandir o presente e contrair o futuro” (SANTOS, 2004, p. 779). Desta forma seria possível vivenciar espaço-temporalmente a experiência presente. O processo de ampliação do presente e, conseqüentemente, esta ampliação da visão de mundo é feita pelo processo epistêmico denominado *Sociologia das Ausências*.

A sociologia das ausências é parte do projeto da razão cosmopolita, que demonstra o que não existe, transformando sociologicamente ausência em presença. Objetos empíricos que não existiam passam a existir, por se considerarem não somente como partes de um todo

hierarquizado, mas como novas totalidades que surgem das interfaces, ineditamente combinadas ou elas mesmas como totalidades latentes. Tornar presente uma experiência social é torná-la uma alternativa à experiência hegemônica, sem se impor como única, mas mantendo-se aberta à discussão e argumentação e entrar assim, no jogo político da sociedade. A estratégia de Santos é que a consolidação da *Razão Cosmopolita*, através da sociologia da emergência, é transformar a falta de uma experiência social em carência ou desperdício de experiência social.

A dilatação do presente ocorre pela expansão do que é considerado contemporâneo, pelo achatamento do tempo presente de modo a que, tendencialmente, todas as experiências e práticas que ocorrem simultaneamente possam ser consideradas contemporâneas, ainda que cada uma à sua maneira. (SANTOS, 2004, p. 789).

Isto significa que a ausência de hierarquização das experiências amplia o presente de forma que coisas que ocorram fora dos padrões hegemônicos possam ser consideradas contemporâneas e não inferiorizadas. A ampliação do presente consiste em que realidades ausentes, marginalizadas e silenciadas participem da contemporaneidade. Por outro lado, o exercício de contrair o futuro que surge com a sociologia da emergência está ligado ao cuidado e tem como objetivo diminuir a discrepância entre o futuro do indivíduo e o futuro da sociedade. O futuro do indivíduo depende da gestão e do cuidado e “[...] se transforme num fator de ampliação do presente” (SANTOS, 2004, p. 794) pois, do contrário, estará condenado a ser passado.

A razão cosmopolita na sociologia das emergências faz causar a ampliação do presente, expandindo as possibilidades de futuro que ele comporta. Em termos de futuro, descarta o futuro longínquo e vazio, para tornar o futuro concreto, mas que não pode ser seguro e fixo (imprevisível). Uma incerteza inspira a supor que “Cuidar do futuro é imperativo porque é impossível blindar a esperança contra a frustração, o advento contra o niilismo, a redenção contra o desastre, em suma, porque é impossível a esperança sem a eventualidade do caixão”. (SANTOS, 2004, p. 796).

Este movimento de “imaginação sociológica” da sociologia das emergências identifica a esperança e define ações que se concretizem. Mas, note-se que não existe teleologia ou finalidade intrínseca, nada determinado, o que demanda uma axiologia do cuidado. A axiologia do cuidado é a relação possível. A imaginação sociológica deste movimento não pretende minimizar a expectativa, mas, antes de tudo, radicalizar a expectativa através do agora. A similaridade é esta falta de conseguir a presença, a situação, o agora. Salvo as diferenças, em que Santos anuncia um novo paradigma, ao passo que Giddens aprofunda o presente. Giddens percebe este excesso de futuro nas decisões, como vai reaparecer quando trataremos da reflexividade.

Se pensarmos brevemente sobre alguns condicionantes que pensam a formação humana a partir desta perda de “situação” surgem algumas perguntas. Seguem: qual o tempo e o espaço

formativo? Como sujeitos se localizam em seu espaço de educação? Qual o tempo formativo do sujeito? Como isto reflete na escola e na universidade?

“A aprendizagem ao longo da vida, mais que um *slogan* vazio, pode se tornar um pré-requisito para a garantia de emprego” (GIDDENS, 2014, p. 121). A questão é que as pessoas vivem em tempos formativos diferentes, e o que pode ser mais assustador é que os tempos de crianças na mesma faixa etária podem ser diferentes. O lugar de aprendizado também tem sofrido profundas alterações: “O aprendizado *online* substitui boa parte dos sistemas tradicionais de aula. [...] Debates e discussões podem ocorrer com outras pessoas em qualquer parte o mundo, à semelhança da colaboração de código aberto tão comum no universo da produção digital.” (GIDDENS, 2014, p. 130). Há “em qualquer parte do mundo” alguém que tenha condições financeiras de se conectar. Por isso, as transformações da modernidade têm afetado todo o globo.

Mesmo numa sala de aula comum, dificilmente encontraremos os alunos na mesma situação espaciotemporal. O uso de tecnologias digitais durante as aulas, estas somente maximizam o paradoxo de não estarem aqui, estarem em outro lugar e outro tempo, causado pela ampliação dos conhecimentos e informações. Desvinculando-se e deteriorando-se, desse modo, a ideia de que a escola é um lugar a partir, como fora entendida pelos antigos, ou seja, toda vez que se entra na escola é preciso que se saia de outros espaços, a escola é um dos poucos espaços que ainda pode e deve interromper o fluxo diário, por isso que ela se constitui como um espaço específico e que exige a liberação de outras atividades corriqueiras para se dedicar, com tempo, aos estudos.

O espectro sociológico de Giddens relaciona as instituições com a vida das pessoas, de como há uma alteração nos modos de vida e nos hábitos cotidianos das pessoas a partir da modernidade. O dado empírico de seu diagnóstico centra-se em torno do que vai chamar de os “guias práticos” da vida.

Tanto as instituições como as esferas da subjetividade são abarcadas pela *reflexividade*. Baseando-se em um método analítico de situações-chaves, para “identificar certas características estruturantes no núcleo da modernidade que interagem com a reflexividade do eu” (GIDDENS, 2002, p. 10). Mesmo partindo do ponto de vista sociológico, há uma importância em torno da constituição do sujeito reflexivo, tendo como conceitos chave a reorganização do espaço e tempo e o desencaixe que altera as instituições e os sujeitos.

A reorganização do tempo e do espaço, somada aos mecanismos de desencaixe, radicaliza e globaliza traços institucionais preestabelecidos da modernidade; e atua na transformação do conteúdo e da natureza da vida social cotidiana. (GIDDENS, 2002, p. 10).

Estes traços são circunscrições da modernidade em oposição a “ordem pós-tradicional”, que é abarcada pela falta de certezas, e tendo como mote a dúvida. A dúvida “constitui uma dimensão existencial geral do mundo social contemporâneo.” (GIDDENS, 2002, p. 10). A dúvida leva a conhecimentos hipotéticos da realidade, que possuem verdades abertas à revisão, exatamente o que produz o **desencaixe**.

Nessa direção, pode-se perceber que os mecanismos de desencaixe das instituições sociais causaram um deslocamento. O desencaixe acontece pelas (1) “fichas simbólicas” o dinheiro é um exemplo mais típico, não é possível realizar trocas, necessita sempre uma simbolização nos intercâmbios e (2) “sistemas específicos”: que são tanto no nível técnico – tecnologias mais complexas; quanto nas relações sociais e influência na intimidade – que são os modelos de alta confiança. O desencaixe é produzido pela não espontaneidade do sujeito com sua tradição, suas instituições, suas verdades... necessitando constantemente que o eu e as instituições “tem que ser construído reflexivamente” (GIDDENS, 2002, p. 12).

A REFLEXIVIDADE E ALTA MODERNIDADE

A constituição da reflexividade é o ponto central para pensar o potencial formativo na sociedade. A reflexividade surge pelo desencaixe. A reflexividade surge desta contradição entre o local e global, em que as pessoas podem formar diferentes estilos de vida. Segundo Giddens, existem formas padronizadas de estilos de vida, mas o determinante é a capacidade reflexiva de fazer as escolhas que constituem a auto identidade.

O planejamento de vida reflexivamente organizado, que normalmente pressupõe a consideração de riscos filtrados pelo contato com o conhecimento especializado, torna-se uma característica central da estruturação da auto-identidade (GIDDENS, 2002, p. 13).

A modernidade tende a excluir os estilos de vida diferentes (ou considerados inapropriados/desviantes). O núcleo da *transformação da intimidade* é o próprio produto da reflexividade. Segundo o autor, a confiança surge da “relação pura”, que o sujeito internamente controla a longo prazo: “Relações puras pressupõem o ‘compromisso’, que é uma espécie particular de confiança.” (GIDDENS, 2002, p. 14).

Este desencaixe que se origina da incerteza e da possibilidade de múltiplas escolhas exige a necessidade da confiança. A confiança surge genericamente “ligada à obtenção de um senso precoce de segurança ontológica” (GIDDENS, 2002, p. 11), em um sentido mais específico “[...] a confiança é um meio de interação com os sistemas abstratos que esvaziam a vida cotidiana de

seu conteúdo tradicional ao mesmo tempo em que constroem influências globalizante.” (GIDDENS, 2002, p. 11).

O risco, que é outro estruturante da modernidade, possui epistemologicamente uma antecipação da presença do futuro, através da sua reflexão. O conhecimento traz ampliação, o alargamento de horizontes, traz o imprevisível, uma quantificação imperfeita. Temos condições de fazer inúmeras inferências acerca do futuro, mas o aumento de conhecimento aumenta o leque de possibilidades, mas que não influencia no senso de responsabilidade, não há um aumento do sentido ético do sujeito. Contudo, a reflexividade é dada de tal forma que atos muitos simples estão imbuídos de riscos dos quais de forma mais ou menos esclarecida, estamos cientes.

O conhecimento e a modernidade reduziram/reduzem o risco em certas áreas, mas potencializam novos riscos. Se, por um lado, reduzimos o perigo de morrer de fome, surge uma pauta que tematiza a mortalidade em virtude da fome pela falta de distribuição de riqueza, ou, ainda, a alimentação mudada geneticamente ou pulverizada por químicos nocivos, a obesidade, as tecnologias, as bombas, as armas...

Na formação humana sabemos que a infância, a tenra infância já havia influenciada a formação: “Investir nas crianças é crucial não só por causa da pobreza infantil em si, mas porque, segundo inúmeras pesquisas, os primeiros anos podem ser decisivos para definir competências futuras”. (GIDDENS, 2014, p. 120). Neste caso, surge a necessidade de buscar uma segurança, que é instaurada e inaugura por meio das instituições. A reflexividade institucional, a partir de alguns “modelos” implementados na sociedade, visa a busca de segurança e a diminuição de riscos.

A reflexividade institucional é intrínseca ao sujeito. “Ela se refere à suscetibilidade da maioria dos aspectos da atividade social, e das relações materiais com a natureza, à revisão intensa à luz de novo conhecimento ou informação.” (GIDDENS, 2002, pp. 24-25). Nesta reflexividade está diretamente ligada a suscetibilidade do ser humano frente a incerteza que o conhecimento científico produz, e trata-se de uma incerteza *existencialmente perturbadora*. Existência esta que permeia todas as esferas da vida, lembramos, ainda, que a incerteza é uma marca de nossa condição humana.

A sugestão que aqui deixamos é fazer a leitura do fenômeno de globalização tratando deste desencaixe espaço e tempo. O desencaixe produzido pelo global e local produz a perturbação de que ninguém mais é um especialista em todas as áreas, ninguém mais sabe sobre tudo e não consegue viver sem esta condição. Este desencaixe é manifestado na vida cotidiana, na alimentação, no jeito de vestir. “Todos os que vivem nas condições da modernidade são afetados

por inúmeros sistemas abstratos, e podem na melhor das hipóteses processar apenas um conhecimento superficial de suas técnicas.” (GIDDENS, 2002, p. 28).

Isso significa dizer que antropológicamente é como se a cada momento tivéssemos que fazer escolhas para os “mundos possíveis”, o ser humano está de forma reflexivamente mobilizado. A condição é de uma contemplação contrafactual que em vez de estar orientado para o passado, está orientado para o futuro. Esta eminência do futuro faz com que misturemos sistemas altamente especializados com conhecimento fantasiosos e senso comum, na intenção de afetar o futuro. Como se o progresso levasse apenas para o futuro, ou fosse, tão-somente bom.

Ademais, como vimos, a alta modernidade influência na “intimidade do eu”. Os meios de comunicação têm papel decisivo na formação do sujeito e das relações sociais. A linguagem ocupa um lugar central no desencaixe do sujeito em seu tempo e lugar. Giddens aproxima a revolução da imprensa no mesmo movimento da modernidade assim como as tecnologias de comunicação e mídias de informação. A modernidade e o surgimento das instituições, do estado, são possíveis a partir a comunicação de massa: “O desenvolvimento e expansão das instituições modernas está diretamente envolvido com o imenso aumento na mediação da experiência que essas formas de comunicação propiciaram.” (GIDDENS, 2002, p. 29).

A análise de Giddens é de que não importa tanto o conteúdo e as mensagens que os meios de comunicação divulgam, mas que o efeito da globalização está na implicação de “colagem”, quando o conteúdo e as mensagens “colam” nos indivíduos passa-se a produzir desencaixe nos diferentes espaços e tempos, padronizando as informações. A colagem acaba com as narrativas, fragmentando em informações, e como consequências a “intrusão de eventos distantes na consciência cotidiana” produzindo o efeito de “inversão da realidade” (GIDDENS, 2002, p. 31), produzindo efeitos psicológicos problemáticos nos sujeitos no enfrentamento da realidade.

O mundo possui uma microunidade espacial e temporal, “mas ao mesmo tempo o mundo cria formas de fragmentação e dispersão”. (GIDDENS, 2002, p. 12):

Na ordem pós-tradicional da modernidade, e contra o pano de fundo de novas formas de experiência mediada, a auto identidade se torna um empreendimento reflexivamente organizado. O projeto reflexivo do eu, que consiste em manter narrativas biográficas coerentes, embora continuamente revisadas, tem lugar no contexto de múltipla escolha filtrada por sistemas abstratos (GIDDENS, 2002, p. 12).

A procura pela intimidade não tem a ver com o aspecto negativo e impessoal das relações sociais esvaziadas, “mas tais relações são inteiramente permeadas por influências transmitidas pela mídia provenientes de sistemas sociais mais amplos, e geralmente organizam de maneira ativa essas influências na esfera de tais relações. (GIDDENS, 2002, p. 14). A reapropriação, a

recapacitação do sujeito acontece numa “reação difusa aos efeitos expropriadores dos sistemas abstratos” (GIDDENS, 2002, p. 14).

A reflexividade afeta o corpo e os processos psíquicos. O corpo passa a ser um estilo de vida, assim, como os sentimentos. É a tal da segregação da experiência, reflexo da modernidade. Há uma tendência de separar as experiências originárias das questões existenciais, na vida cotidiana. As pessoas não se identificam em todas as situações que vivenciam e conseqüentemente diminui-se a responsabilidade acerca das situações. Segundo Giddens, temos um sentimento de culpa, e com isso os “mecanismos de vergonha” passam a ocupar um lugar central:

A falta de sentido pessoal — a sensação de que a vida não tem nada a oferecer — torna-se um problema psíquico fundamental na modernidade tardia. Devemos entender esse fenômeno em termos de uma repressão de questões morais que a vida cotidiana coloca, mas às quais nega respostas. Isolamento existencial não é tanto uma separação do indivíduo dos outros, mas uma separação dos recursos morais necessários para viver uma existência plena e satisfatória. O projeto reflexivo do eu gera programas de realização e controle. (GIDDENS, 2002, p. 16).

Os processos de controle da vida fazem emergir novos dilemas morais, tanto pessoais como sociais, no sentido de uma “política-vida”. A alta modernidade aumenta nosso sentimento de vergonha pela exposição que somos colocados, mas não vem aumentado com a responsabilidade moral, pela falta de identidade. O projeto de emancipação Iluminista kantiano, de chegar à maioria não tem se demonstrado no sentido moral, mas, justamente, por uma falta de satisfação pessoal.

PARA CONTINUAR PENSANDO...

A partir do que vimos tratando até o momento, podemos aferir que todo este quadro produz uma mudança na intimidade ligada à sociedade global: “o eu se torna um projeto reflexivo” (GIDDENS, 2002, p. 33). Contudo, para que o projeto reflexivo seja realmente proveitoso e coerente, é preciso que o sujeito tenha a *capacidade de fazer uso de seu próprio entendimento*, segundo o projeto kantiano do iluminismo, por isso, a reflexividade deve ser sempre formativa no sentido ético do termo.

No risco eminente é pela necessidade de uma confiança que se cede rapidamente aos encantos de alguns padrões de “verdade” e estes encantos inundam a nossa capacidade de reflexão. Suplantamos o risco em nome da segurança e aderimos a algumas instituições sem reflexão, ou uma reflexão do tipo de racionalização, passional. Tal como alerta Hannah Arendt sobre o burocrata nazista Adolf Eichmann.

No decorrer do julgamento de Eichmann, Arendt se indaga como um ser humano pôde ser capaz de cometer tais monstruosidades. Ela se surpreende por Eichmann ser uma pessoa comum. Para

a Arendt (2004) não havia maldade naquela pessoa e que apenas tinha cumprido sua função. Mas, o que realmente chamou a atenção de Arendt, foi a incapacidade de Eichmann refletir sobre o acontecido e de pensar sobre o significado de seus atos.

A segurança pessoal nos faz aceitar instituições e ofícios que nos ferem pessoalmente, sendo obrigados muitas vezes a nos anestesiarmos por livros de autoajuda, teologia da prosperidade, *coachings*, princípios de sucesso, drogas lícitas ou ilícitas. É preciso dizer que a reflexão descolada de seu sentido ético permite, em nome de uma verdade (única e fechada em si), legitimar certos padrões, dados e veracidades científicas por informações parciais, logo, anti-intelectuais.

Num mundo de suscetibilidade do conhecimento, as instituições responsáveis pela formação também passam pela mesma crise. Um exemplo de amortização institucional é diminuir a importância do conhecimento e aventurar-se nas competências, que em relação epistêmica com o futuro, parece ser mais segura (mesmo que o futuro seja algo imprevisível para a condição humana). As competências sem compromisso ético aderem a alguns compromissos mercadológicos, permitindo um “treinamento sofisticado”. Nessa direção, treinamos nossos jovens a terem habilidades cognitivas e emocionais, com o intuito de responderem com mais rapidez ao mundo volátil e líquido, como lembra Bauman.

É a reflexividade que nos faz despertar do sono da irreflexão, tirar nossas opiniões vazias e irrefletidas, para indagar-se e admirar-se com o início de um diálogo interno. Assim, pensar é fazer lembrar e buscar a reconciliação, é por meio dele que aceitamos que o mundo está “fora dos eixos”, que é nosso e que, portanto, nós somos responsáveis por ele e por nós, isto é, precisamos constantemente consertá-lo e renová-lo.

Sabemos que se trata de uma tarefa difícil, a reflexividade necessita a tomada de uma consciência permanente do problema dos limites e também de tarefas cegas inerentes ao pensamento. Implica, portanto, em uma luta permanente pela busca de sentido e significado. Grosso modo, quando não há mais um sentido preestabelecido, é a atividade do pensar, ou seja, a nossa capacidade de encontrar um sentido que deve prevalecer e pensar como se nunca alguém tivesse pensado antes.

A reflexividade pode não estar preocupada com a nossa ação futura, mas pode se ocupar com aquilo que já aconteceu, é nesse instante, que estamos com nós mesmos, é que devemos nos perguntar, responder e responsabilizar perante nós mesmos e não frente aos outros. Assim, a capacidade que assumimos de corresponder ao mundo e também às exigências deste está conexa à nossa disposição de responder e prestar contas a nós mesmos. Afinal, o mundo, a cada dia, cobra a conta do humano.

Nessa direção, fechamos o capítulo com alguns pontos cruciais para se pensar a formação humana:

A primeira socialização das crianças, por exemplo, tende cada vez mais a depender do conselho e instrução de especialistas (pediatras e educadores), e não mais da iniciação direta de uma geração pela outra — e esse conselho e instrução por sua vez respondem reflexivamente à pesquisa em andamento. Como disciplinas acadêmicas, a sociologia e a psicologia estão assim envolvidas de maneira direta com a reflexividade do eu. E, no entanto, a conexão mais distintiva entre os sistemas abstratos e o eu deve ser encontrada no surgimento de modos de terapia e orientação de todos os tipos. (GIDDENS, 2002, p. 37).

REFERÊNCIAS

ARENDR, H. **Responsabilidade e julgamento**. Tradução de Rosaura Eichenberg. Edição de Jerome Kohn. Revisão técnica de Bethânia Assy e André Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CENCI, A. V.; MARCON, T.. Sociedades Complexas e Desafios Educativos: individualização, socialização e democracia. In: MÜHL, C.; DALBOSCO, C.; CENCI, A. V. **Questões Atuais da Educação: Sociedade Complexa, Pensamento Pós-Metafísico, Democracia e Formação Humana** (pp. 111-130). Ijuí: Unijuí, 2016.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. (P. Dentzien, Trad.) Rio De Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIDDENS, A. **Continente Turbulento e Poderoso: Qual o Futuro da Europa?** (G. C. Souza, Trad.) São Paulo: Unesp, 2014.

SANTOS, B. D. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia as emergências. Em B. d. Santos, **O Conhecimento Prudente para uma Vida Descente** (pp. 777-821). São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, B. D. **Um Discurso sobre as Ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

Augusto Kessai Agostinho Chicava

Doutorando em Educação (UFRGS), Mestre em Universidade São Tomás de Moçambique (USTM) e Graduado em Filosofia e Ética também pela USTM, em Moçambique.

Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/4729278>

[699067925](http://lattes.cnpq.br/699067925)

E-mail:

augustochicava@yahoo.com.br

Ivan Luís Schwengber

Doutorando em Educação (UPF), Mestre em Educação pela Unochapeco e Graduado em Pedagogia (UNIFED) e Filosofia (FAFIM).

Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/55672221>

[21361739](http://lattes.cnpq.br/21361739)

E-mail:

ivan.s@unochapeco.edu.br

Jenerton Arlan Schütz

Doutorando em Educação nas Ciências (UNIJUÍ) e Mestre na mesma área (UNIJUÍ). Graduado em Pedagogia (FCE), Sociologia e História (UNIASSELVI).

Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/60754181>

[79655079](http://lattes.cnpq.br/79655079)

E-mail:

jenerton.xitz@hotmail.com

Recebido: 11/11/2019

Aceito: 22/12/2019